

10  
J. A. PIRES DE LIMA

S. A.

3,915-

OFFERTE

10

# A Operação Cesariana em Portugal antes do Século XIX

Separata dos "Arquivos de História da Medicina Portuguesa",  
N.º 6. — Nova série — 5.º ano — 1914



PÔRTO

Tip. a vapor da «Enciclopédia Portuguesa»

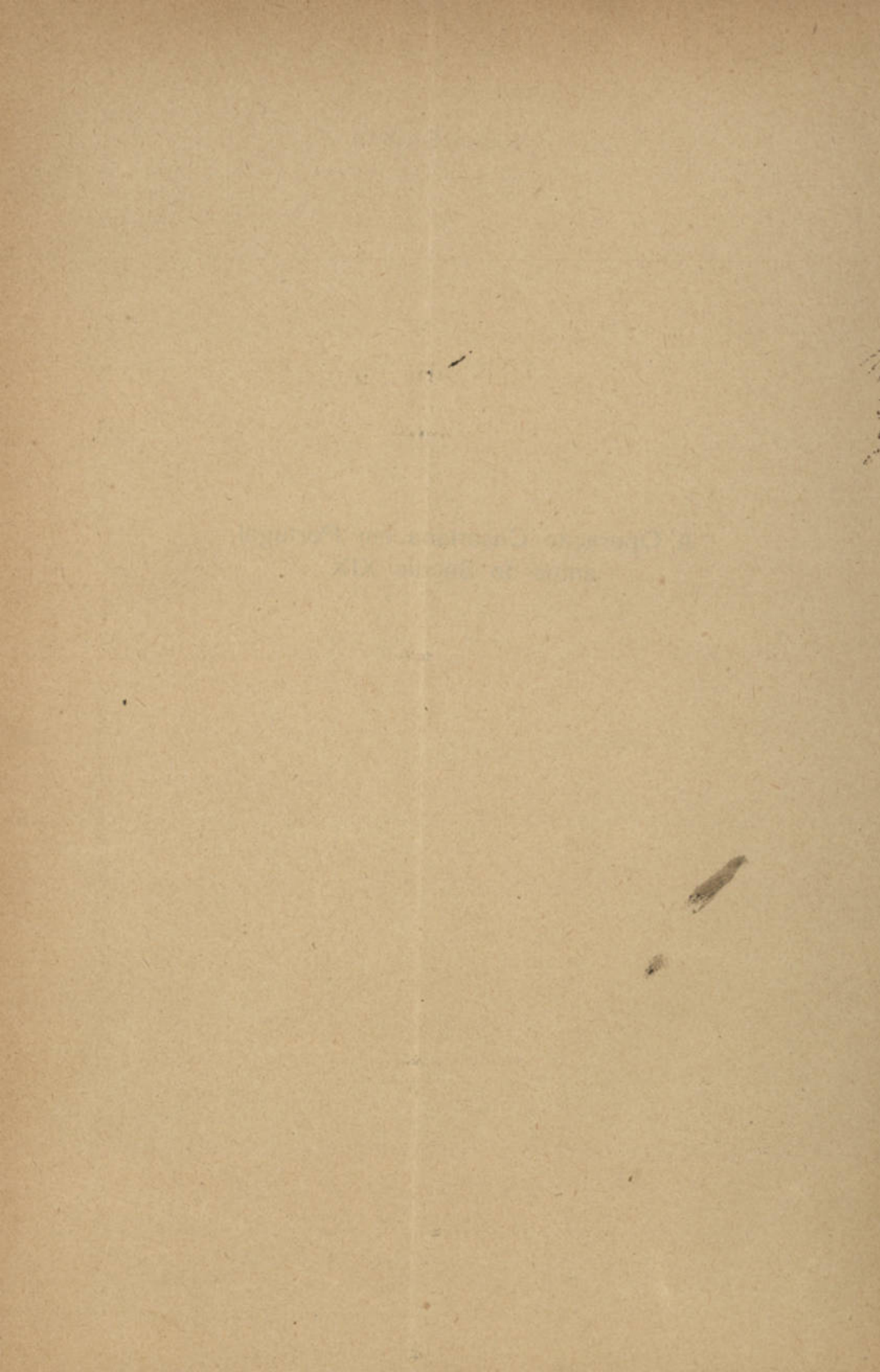
47, R. Cândido dos Reis, 49

1914





A Operação Cesariana em Portugal  
antes do Século XIX



J. A. PIRES DE LIMA

S. A.

3,915-

OFFERTA

# A Operação Cesariana em Portugal antes do Século XIX

Separata dos "Arquivos de História da Medicina Portuguesa,"  
N.º 6 — Nova série — 5.º ano — 1914

58 117



PÔRTO

Tip. a vapor da «Enciclopédia Portuguesa»

47, R. Cândido dos Reis, 49

1914





V. B. Thayer de  
9-Mai-1924

A operação cesariana, recurso hoje banal para determinados partos distócicos, parece ter sido conhecida desde remotas eras. Pondo de parte os tempos fabulosos de Baco e de Esculápio, assegura-se que já os romanos algumas vezes a praticaram, ao menos *post mortem*. Afirmo Plínio que assim nasceram Scipião Africano, Manílio e Júlio César.

Do tempo da Renascença casos raros são mencionados de hysterotomia, operação que em 1581 Rousset defendeu calorosamente. Apesar disso, nos dois séculos seguintes poucas vezes foi empregada, e quasi sempre com resultados funestos.

Em 1798 Baudelocque levou a Sociedade de Medicina de Paris a consagrar a operação cesariana, declarando-a o único meio possível de salvar mãe e filho em certos casos de distócia.

Contudo, por via de regra, os cirurgiões recusavam-se a praticar na mulher viva tal intervenção, que vitimava a maior parte das operadas. Segundo uma estatística de Joulin, em 67 operações feitas em Paris desde o Século XVI até 1867, apenas seis mulheres escaparam!

No último quartel do Século XIX, porém, com os progressos da técnica, e sobretudo desde que começou a empregar-se com rigor a asepsia cirúrgica, a cesariana tornou-se cada vez menos grave, e ha hoje parteiros que apresentam longas séries de intervenções, com mortalidade nula.

Segundo as investigações a que procedeu o malogrado Prof. João de Meira (1), modernamente tinha sido o parto

---

(1) JOÃO MONTEIRO DE MEYRA — O parto cesareo sua historia, sua technica, seus accidentes e complicações, suas indicações e prognostico — Porto 1908.



cesário praticado no nosso país, até 1908, duas escassas dezenas de vezes, por alguns cirurgiões de Lisboa, Pôrto, Coimbra, Guimarães e Vila do Conde.

Antes do Século XIX, a literatura médica portuguesa fornece muito vagas informações acerca desta operação. O erudito Prof. Meira, na sua dissertação de concurso, resumiu tudo quanto sobre o assunto lêu em Rodrigo de Castro, Feliciano de Almeida, Joam Vigier, Jacob de Castro Sarmiento, António Monravá, Manuel de Sá Matos, José Bento Lopes, José António do Couto, António de Almeida e o tradutor anónimo da obra de Raulin.

Todos esses autores ou são portugueses ou exerceram clínica em Portugal nos séculos XVII e XVIII, e nenhum deles faz referência a qualquer operação cesariana que se tivesse praticado no nosso país.

Parece, contudo, que algumas vezes ela foi aqui executada.

Segundo uma tradição reproduzida em livros, Don Goçoy, quarto representante da Casa de Sousa, teria sido retirado do ventre de sua mãe por uma cesariana *post mortem*. O caso ter-se-ia passado em Cabeceiras de Basto, no Século X, sendo feita a operação pelo próprio pai de D. Goçoy. Eis como a descreve o genealogista Manuel de Sousa Moreira (1):

«Porque assaltada su madre (que estava em cinta) de un accidente maligno, bueltos en agonias los dolores, perdió, entre las ansias la vida; y como aun mal sazonado el termino natural, impossibilitó el parto, y aun el aborto: por salvar una vida, y una alma le fue preciso al afligido padre, romper con mano piedosamente cruel el ya insensible materno seno».

Retirado assim prematuramente do útero, D. Goçoy seria inviável se não o metessem dentro do corpo de várias rezes sucessivamente sacrificadas para o irem acalentando.

Coisa parecida atribue a lenda a Baco: retirado antes

(1) Theatro historico, genealogico, y panegyrico: erigido a la Inmortalidad de la Excelentissima Casa de Sousa, Por Manuel de Sousa Moreira..... Paris..... M. DC. XCIV.



de termo do ventre de sua mãe já morta, foi introduzido por algum tempo na coxa de Júpiter.

D. Goçoy foi cognominado *Nonnato*, por não ter chegado a nascer naturalmente; o mesmo apelido teve, por igual motivo, S. Raimundo.

A principal autoridade em que se baseia Sousa Moreira é o *Nobiliário do Conde D. Pedro*, onde se lê o seguinte (1):

« Titulo XXII. Dos Sovsas.

- 1 D. Sueyro Belfager foy cazado com D. Menaya Ribeyra, e fez em ella
- 2 Ahufo Soares Belfager *num. 2.* foy cazado com D. Omendola, e fez em ella
- 3 Ahufo Ahufes *nu. 3* foy cazado com D. Tareja, e fez om ella
- 4 O Conde D. Goçoy *num. 4*  
S. Senhorinha de Basto
- 4 O Conde D. Goçoy *num. 4* que chamaraõ o Nonnado. (2) foy o que matou Frade Valdrique, *fol. 138. num. 1* bisavo de D. Fernaõ Anes de Montor. Foy cazdo com D. Mona, e fez em ella
- 5 O Conde D. Nichigisoy *num. 5* . . . . . »

\*

Mais digna de crédito é a observação colhida, em princípio do Século XVIII, por Francisco Corrêa de Amaral Castelbranco, cirurgião conhecido pelos que se interessam

(1) Nobiliario de D. Pedro conde de Bracelos hijo del Rey D. Dionis de Portvgal. Ordenado y ilustrado con notas y indices por Ivan Bavtista Lavaña coronista mayor del reyno de Portvgal. En Roma, Por Estevan Paolinio MDCXL. Con licencia de los Superiores.

(2) O Ms. existente na Biblioteca Municipal do Pôrto — « Livro das geraçoens de Espanha, composto pello Conde Dom Pedro filho del Rey Dom Dinis » — diz *nãonado* (fol. LXXXij). Nos « Portvgaliae Monumenta Historica » Scriptorum vol. 1, pág. 288, que transcrevem fielmente o Ms. da Torre do Tombo, lê-se: — « Este dom Ahufo Ahufez foi casado com dona Tareja, e fez em ella o comde dom Goyçoi que chamarom o Nonnado . . . . . ».

pela história da medicina portuguesa. Pela insistência com que elle aconselha o uso da aguardente no tratamento das feridas, deve considerar-se um dos precusores da antiseptia cirúrgica.

Amaral Castelbranco nasceu em Alenquer a 6 de Janeiro de 1683 (1). Estudou humanidades e depois cirurgia, tornando-se tão perito nesta arte, que adquiriu grande nomeada tanto em Portugal como em Castela, onde esteve alguns anos como cirurgião militar, acompanhando o nosso exército na Guerra da Sucessão. Não contente com os serviços prestados á sua Pátria, assistindo aos feridos, offereceu-se, ao que diz Barbosa Machado, «para que naquelas horas que tivesse vagas do exercicio de Cirurgião as empregasse em ruina dos inimigos o que felizmente executou assim na Praça de Segura fronteira á Provincia da Beira, como em Tortoza no Principado de Catalunha»!

Depois da guerra exerceu clinica, durante muitos anos, em Vila Franca de Xira, e escreveu, além de tres manuscritos, as seguintes obras que foram impressas:

— Apologia | & | decernida explicação | Do verdadeyro methodo com que se deve usar da Agoa arden- | te em toda a Cirurgia, sujeytos, partes, e tempo em | que se deve aplicar: | Divididas em questões Problematicas fundadas em | os Canones da mesma Arte. | Dedicada ao senhor | Gastaõ Joseph | da | Camara, e Attaide Coutinho | Vedor da Casa da Rainha Nossa Senhora, etc. | Autor desta apologia | O Lecêciado Francisco Correa de Amaral | Natural de Alenquer, morador em Villa Franca de Cbira, Cirurgião | do Partido da Camara de Povos, e da dita Villa Frãca | por Sua Magestade. | Lisboa Oriental. | Na Officina de Philippe de Souza Vilella, | M. DCC. XVIII. | Com todas as licenças necessarias. 1 vol. de 96 páginas + 6 inumeradas. Formato 150×118.

— Noticia de hum caso raro, e extraordinario succe-

(1) Bibliotheca Lusitana, por BARBOSA MACHADO — Tomo II Lisboa M. D. CC. XLVII.



dido neste presente anno de 1733, em Villa-Franca de Xira dada com a copia de huma Carta do Lecenciado Francisco Correa do Amaral Castello-Branco Cirurgiãõ approvedo da mesma Villa. Lisboa Occidental, na officina de Pedro Freyre, Impressor da Augustissima Rainha nossa Senhora. Anno de MDCCXXXIII. Com todas as licenças necessarias e Privilegio Real.

—Observac,ão | apollinea-chirurgica | de hum caso raro, e extra- | ordinario, | Escrita em estylo consultivo, | dedicada a | Maria | Santissima | com o título das | Mercês, | pelo licenciado | Francisco Correa | de Amaral Castelbranco, | Cirurgiãõ dos partidos das Camaras de Villa Franca | de Xira, e da Villa de Povos, com faculdade | na Medicina por S. Magestade. | Dividida em sete Capitulos. | Lisboa Occidental, | Na Offic. de Manoel Fernandes da Costa, | Impressor do Santo Officio. | Anno M DCC. XXXVIII. | Com todas as licenças necessarias. 1 volume de 141 páginas + 40 inumeradas, com prefácios e licenças, e de formato 120×80.

São muito raros os livros de Amaral Castelbranco. Sá Matos <sup>(1)</sup> diz que, além dos citados, imprimiu ainda outro, intitulado *Observaçõens Chirurgico-galenicas da quaterniaõ dos humores*, não mencionado por Barbosa nemi por Inocêncio. Talvez essa obra seja uma das que ficaram manuscritas, e se trate dum lapso de Sá Matos que, aliás, das obras de Castelbranco, só viu a *Apologia da Aguardente*. No tomo 3.º do *Dicionário Bibliográfico*, confessa Inocêncio que só em 1870 pôde vêr um exemplar da *Apologia*. No prefácio da *Observação Apollinea*, diz o autor que oferecera obra de maior volume á Virgem do Carmo, Soberana Rainha dos Anjos. Seriam as *Observações Chirurgico-galenicas*, de que fala Sá Matos, ou algum livro desconhecido dos bibliógrafos?

Não encontrei nenhuma das obras de Castelbranco na

(1) Bibliotheca elementar chirurgico-anatomica ..... por MANOEL DE SÁ MATTOS ..... Porto ..... 1788.

Biblioteca Municipal do Pôrto, e na Biblioteca da Faculdade de Medicina desta cidade existe apenas a *Apologia*. Além dum exemplar que possuo, é este o único que tenho visto.

O snr. Prof. Maximiano Lemos <sup>(1)</sup> só conseguiu vêr a «Apologia» e a «Noticia de hum caso raro». Esta encontrou-a na Biblioteca de Evora, trasladando-a para o segundo volume da 1.<sup>a</sup> série destes «Arquivos» <sup>(2)</sup>, em que ocupa sòmente tres páginas.

Tanto Barbosa <sup>(3)</sup> como Inocência <sup>(4)</sup> fazem largas referências a Jozé Freyre de Montarroyo Mascarenhas, o erudito lisbonense considerado por Barbosa Machado o introdutor do jornalismo em Portugal. Entre mais duma centena de volumes e opúsculos que publicou, conta-se: «Noticia de hum caso raro, e extraordinario sucedido no anno de 1733. em Villa-Franca de Xira. Lisboa, por Pedro Ferreira, 1733.» Não pude ver esta obra, mas supponho que ela seja a mesma acima citada com idéntico titulo, ou pelo menos que trate do mesmo assunto. Montarroyo foi capitão de cavalaria dum regimento inglês na Guerra da Sucessão de Espanha, percorreu em viagens, durante dez anos, muitos países da Europa, adquirindo praticamente o conhecimento de várias línguas, e redigiu durante mais de quarenta anos a «Gazeta de Lisboa».

Ultimamente tive a fortuna de adquirir um exemplar da *Observação apóllinea-chirurgica*, e a sua leitura determinou-me a escrever este artigo.

O caso a que alude a «Observação» passou-se em 1733, e um amigo de Castelbranco, residente em Lisboa, teve a curiosidade de publicar sòbre êle uma carta daquelle cirurgião. Tal carta é, segundo creio, a que vem inserida

(1) MAXIMIANO LEMOS — Historia da Medicina em Portugal — vol. II — Lisboa, MDCCCXCIX.

(2) *Archivos de Historia da Medicina Portuguesa*, vol. II da 1.<sup>a</sup> série — Porto, 1888.

(3) *Bibliotheca Lusitana*, vol. II.

(4) *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol. IV.



no opúsculo *Notícia de hum caso raro*, e é provável que o amigo citado seja Montarroyo Mascarenhas, companheiro de armas de Amaral Castelbranco.

Tinha este redigido uma obra sobre o parto distócico, e juntou-lhe a nova observação; infelizmente parece que todo o manuscrito se perdeu, e o autor, quatro anos depois, com o auxilio da referida carta, escreveu outra vez, de memória, a larga dissertação, que só um ano mais tarde pôde publicar, colhidas as necessárias licenças.

Passo a resumir a «Observação Apollinea-Chirurgica», que é de veras interessante e revela no seu autor dotes cirúrgicos notáveis, atendendo á época e ao lugar:

Tereza da Silva, mulher de João da Silva, official de sapateiro, residente em Vila Franca de Xira, tinha já oito filhos quando appareceu inesperadamente grávida, aos cincoenta anos de idade. A 4 de Março de 1733, depois dum traumatismo que soffreu no ventre, teve dores violentas na região umbilical, e depois nos órgãos genitais. Supondo estar em trabalho, chamou uma parteira, que durante dois dias lhe assistiu improficuamente. Passado esse tempo, foi chamado o cirurgião Castelbranco, que mandou aplicar cataplasmas emolientes, clisteres e pedilúvios.

As dores aumentaram, sendo acompanhadas de opressão e de vômitos porráceos. Em vista disso, a mulher foi sangrada num pé, diminuindo então as dores e os vômitos, sem contudo se resolver o parto.

Um médico que tambem assistiu á doente aconselhou um emético e, apesar da discordância de Castelbranco, ministrou-se o vomitivo, que não produziu melhoras. Por esse motivo, com pleno assentimento da parteira, disse o médico «que não obrasse mais cousa alguma, que esperasse pela seguinte Lua, que a seu tempo lhe daria Deus hora de parir...»

Passado cerca dum mês, tinha a doente um corrimento vulvar fétido, e o estado geral peorara. Depois de nova conferência, após intermináveis discussões em que o médico e o cirurgião nunca estavam de acôrdo, ministraram grande número de remédios, tão variados como inú-

teis, até que o médico abandonou inteiramente a doente, deixando-a apenas entregue aos cuidados do cirurgião.

Continuava a mulher febricitante, com soluços, o hálito fétido, o corrimento também fétido, posto que menos abundante, o ventre abaulado, algido e muito sensível, o pulso fraco e o rosto *cadaveroso*, sinais evidentes duma infecção peritoneal. Na região umbilical sentia-se por palpação uma tumefacção dura.

Supoz Castelbranco que o feto, morto havia muito tempo, originasse o esfacêlo da parede anterior do útero, e se escapasse para a cavidade peritoneal, juntamente com os líquidos, que já não saíam com tanta abundância pela vagina. Por essa razão, quando se voltava a doente, havia no abdomen ruído de gargolejo.

Não podendo já pensar na extracção do feto por via vaginal, applicou uma cataplasma, que obrou «com acção magnetica», segundo o pitoresco dizer do cirurgião de Vila Franca. Formou-se na região umbilical um abcesso com flutuação, que dentro em alguns dias rompeu numa série de fistulas. Estas foram depois dilatadas com mechas, a ponto de ficarem reduzidas a uma abertura única da extensão da palma da mão.

A 21 de Abril, surgindo na brecha uma parte fetal, interveio Castelbranco da seguinte forma: colocou a doente em decúbito dorsal, com os pés da cama mais levantados, para evitar a saída dos intestinos pela abertura da parede abdominal. Ampliou esta abertura tanto quanto foi necessário e afastou os músculos com todo o cuidado, de modo que os intestinos não saíssem juntamente com o feto. Abriu todas as camadas da parede abdominal, e acabou de extrair a parte do feto que afluía á pele, e que eram os pés. Envolveu-os numa toalha de linho e, comprimindo os bordos do orificio, puxou por elles até saírem as pernas: em seguida, auxiliado pela parteira, foi extraíndo o feto, cuja cabeça deu muito trabalho a retirar. Depois introduziu rapidamente, dentro da cavidade, um lenço fino embebido num elixir quente.

Observou então que a criança era bastante corpulenta; faltava-lhe a parte anterior do crânio e estava livida e



fétida. Iluminando a cavidade abdominal, viu dentro do útero o osso que faltava, e daí o retirou com instrumento apropriado.

O útero tinha uma brecha da mesma extensão da da parede abdominal e o intestino grosso apresentava placas de necrose nas ansas que estavam em contacto com o feto macerado e com a parede anterior do útero atacada de esfacêlo.

O cirurgião fez em seguida uma lavagem com um liquido antiséptico quente, de base alcoólica, applicando depois um penso da mesma natureza. Prescreveu dieta líquida e uma poção diurética, e mandou «que pela via *postea* se lançassem no intestino recto enemas de cozimento de cevada com ervas balsamicas, com alguma termentina dissoluta em gema de ovo e mel rosado.....».

E' curioso notar que ainda hoje os médicos inglêses e americanos empregam correntemente os clisteres terebentinados no tratamento das infecções peritonias. Mesmo entre nós êsse método tem sido largamente applicado.

Trousseau & Pidoux (1) noticiam que, em Dezembro de 1812, grassou no Hospital de parturientes de Dublin uma epidemia de peritonites puerperais, que vitimava todas as doentes atacadas, fôsse qual fôsse o tratamento.

Foi então que Brenan começou a empregar a essência de terebentina por ingestão, e fê-lo com tanto êxito, que depressa se divulgou o método. Mais tarde a terebentina passou a applicar-se em clisteres, como ainda hoje.

Já no Século xviii Van Swieten empregava, contra a diarreia dos tísicos, clisteres com terebentina, gema de ovo, teriaga e leite.

Perto dum século antes de Brenan, e supponho que antes do grande clínico holandês, já o nosso Amaral Castelbranco usava os clisteres terebentinados.

No dia seguinte á operação, era melhor o estado geral da doente. Como a supuração fôsse muito abundante, o ci-

(1) TROUSSEAU ET PIDOUX — Traité de thérapeutique et de matière médicale. Tome deuxième. Cinquième édition. Paris, 1855.

rurgião adoptava a técnica seguinte, para retirar da cavidade abdominal o liquido purulento e fétido que lá se encontrava: punha á roda do ventre uma ligadura de rede, e voltava depois a doente de lado. Escoavam-se dèste modo aqueles liquidos, sem haver o perigo de saírem tambem os intestinos. Depois collocava a doente em decúbito dorsal, limpava a cavidade com um lenço fino e applicava o penso.

Ao terceiro dia o pulso estava normal e a laceração, tanto na parede abdominal como no útero, apresentava bom aspecto. As melhoras foram-se acentuando e, quinze dias depois da intervenção, já não se viam os intestinos e a cicatrização ia avançando.

Passados quarenta dias, sòbreveio febre e diarreia sanguinolenta; mas tratava-se duma simples intercorrência, pois que, da grande abertura abdominal primitiva, apenas existia já uma solução de continuidade superficial, do tamanho dum cruzado novo de prata.

A dieta láctea rapidamente debelou a enterite; ao mesmo tempo completava-se a cicatrização, e a mulher ficou radicalmente curada. Depois nutriu e gosou boa saude até á data em que o autor imprimiu a *Observação apollinea-chirurgica*, cujo resumo aqui fica.

\*

Num quadro a óleo existente na sacristia da Igreja do Terço, desta cidade, encontra-se noticia dum caso semelhante ao que foi narrado por Amaral Castelbranco.

A pintura é em madeira e o quadro mede 60<sup>cm</sup> × 44<sup>cm</sup>; a moldura, tambem de madeira, tem 4 centímetros de largo.

Representa uma enfermaria, de tecto em maceira, com duas filas de alcovas, e corredor central tendo ao fundo um altar com a imagem da Senhora do Terço e Caridade.

Todas as alcovas estão vedadas por cortinas, á excepção da primeira da esquerda, que tem as cortinas afastadas.

Dentro dela vê-se, deitada na cama, uma mulher com a cabeça, pescoço e membro superior direito descobertos.



A entrada está um cirurgião, de cabeleira atada, todo barbeado, de punhos de renda, calção, sapatos e fato amarelo com o feitio em uso nos fins do Século XVIII. Fora da alcova está outro cirurgião que traja de verde. Entre os dois, encostada á porta, encontra-se uma parteira de vestido vermelho e avental branco, com uma criança nua no colo. O cirurgião que está fora da alcova faz menção de ajudar, com a mão esquerda, a segurar a criança. A pintura é destituida de valor artistico; as personagens teem uma expressão apagada e os cirurgiões exibem uma attitude espectacular.

O que torna o quadro interessante é a seguinte legenda que se encontra na sua parte inferior:

«M. Q. F. N. S.<sup>a</sup> Doterço, e caridade no Seu Hospital a Anna Victória mulher de Manoel de Payva m.<sup>ra</sup> naviela de caramujo freguezia de S. Ildefonso, q̃ uindo pejada de 15 mezes logo nodia 25 de Julho de 1782 pellas noue horas da manham apparecerã João Marques, e Jose Pr.<sup>a</sup> cirurgiõins do dito Hospital eporeles foi feita hũa Operação nabarriga damulher pegado ao embidio, pela coal lhe tirãraõ hũa criança dotamãho de 2 palmos emeio eõnheciase ser menino postoq̃ vinha combastante podridaõ e á May se lhe tomarã asserventias, q̃ fazia assuas operaçoins poronde selhetirou acriança; sendo mordomos actuais do Hospital o R.<sup>do</sup> conigo José Maria, eSouza Provedor, e seu companheiro idepotado o capitaõ Joze Bernardo Coelho ep.<sup>a</sup> memória deste milágre nunca succedido mandou fazer adita Irmandade aprezenste Estampa ——— pela dita m.<sup>er</sup> viver esem lezão ficar.»

Não pude averiguar quem eram os cirurgiões João Marques e José Pereira, nem tenbo elementos para me pronunciar àcerca da veracidade dèste caso, que deveria passar-se poucos anos decorridos após a fundação do Hospital do Terço (1).

(1) A fundação do Hospital da Irmandade do Terço data de 1775. (F. J. PATRICIO — Os hospitaes do Porto — *Archivos de Historia da Medicina Portugueza*, vol. VI da 1.<sup>a</sup> série — Porto, 1896).

Nada pode dizer-se também a respeito da realidade do caso de D. Goçoy. Mas é fora de dúvida que o cirurgião Amaral Castelbranco praticou com êxito, na mulher viva, um esboço de operação cesariana, conquanto fosse para extrair um feto morto.

Seja qual fôr o crédito que os tres casos mereçam, afigura-se-me de utilidade torna-los conhecidos.

Fica assim demonstrado que a extracção do feto por via abdominal não era novidade no nosso país antes da era antiséptica.

---